



**THE
LEGENDARY
BLUES
SINGER**

**ROBERT
JOHNSON**

recontado por
Samuel Peregrino de Lima

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Robert Johnson
THE LEGENDARY BLUES SINGER
recontado por
SAMUEL PEREGRINO DE LIMA

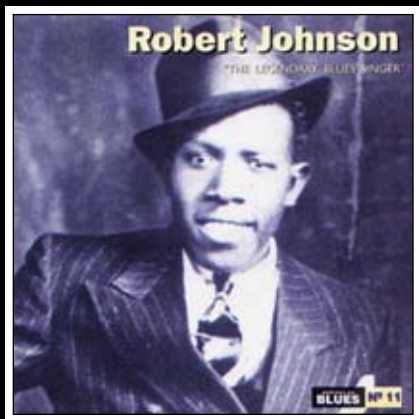
SETEMBRO DE 2008
VOLUME 76

MOJO
BOOKS

Robert Johnson
THE LEGENDARY BLUES SINGER
recontado por
SAMUEL PEREGRINO DE LIMA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **ERIK THÛRM**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Kindhearted woman blues
2. Sweet home Chicago
3. Terraplane blues
4. Phonograph blues
5. Cross Road blues
6. Preaching blues (up jumped the devil)
7. I'm a steady rollin' man
8. Litte queen of spades
9. Drunken hearted man
10. Me and the devil blues
11. Stop breakin' down blues
12. Love in vain

ROBERT JOHNSON THE LEGENDARY BLUES SINGER

LANÇAMENTO: **1995**
SELO: **WARNER**



CONVERSANDO COM O DEMÔNIO

“Quando eu deixar esta cidade, você terá uma grande, uma longa história para contar.”

Robert Johnson em “From Four Till Late”.

White Plaza Hotel, Dallas, Texas, 1937

Numa mesa ao canto, vejo por trás de garrafas de Jake vazias e um copo semi-cheio.

— Há muita fumaça por aqui senhor Johnson — levanta os olhos acucados como se os escondesse da luz.

— Olá Simon. — respondeu-me calmamente.

— Não precisa me chamar assim, alguém pode te ouvir. E como vai a perna? Há boatos de que Jake causa paralisia temporária.

— O que há de errado no meu jake walk? Está melhor agora, só preciso de tempo para descansar.

— O tempo diluído em aguardente? — perguntei.

— Está preocupado comigo Simon? Não é de seu feitio. O trato não será desfeito.

em tempo. Restava-lhe poucas semanas e faltava o registro da segunda sessão das treze canções que completariam o disco; restavam: “Sweet home Chicago” e “Me and devil blues”. Vinte e nove canções fora o acordo que fizera com Thomaz naquela noite de 35. Nunca soube o real motivo, Robert não era um grande músico, seu *blues* sujo, carregado com letras sofridas me lembrava o início com W. C. Handy e sua “St. Louis blues” a primeira de muitas *work songs*.

— Por onde andou Simon?

— Dei uma volta por Chicago, ouvi falar que já existem instrumentos eletrificados por lá.

— Isso é conversa daqueles garotos do Sonny Boy, loucos para fugirem do Mississipi, longe daquelas harmonias sem vida. — Johnson respondeu em êxtase.

— Acho que está errado Robert, vi com meus olhos que a terra nunca vai devorar, um jovem negro, o chamavam de “Muddy Waters”. Empunhava uma guitarra maciça apelidada de “Log”, o *luthier* que a fabricou usava captadores comuns para violões em modelos Epiphone.

— Como se chama o homem que a fabricou, Simon?

— Um veterano guitarrista chamado Les Paul.

- E esse, “Muddy”... Como é mesmo que você o chamou?!
- Muddy. Muddy Waters.
- Ele tocava bem?
- Não como você, se quer saber.
- Não pensei nisso Simon.
- Em que pensa então Robert, vindo pra essa terra de discórdia e poeira? Não foram 29 músicas o trato? Porque ainda está aqui?
- Resta a segunda sessão de gravação para podermos escolher as melhores.
- Isso é detalhe, você sabe. Não precisa disso, pode sair fora. Mas você não quer ir não é?

Robert Johnson sempre teve olhos acesos, inflamados como o diabo, mas naquela noite quente de junho havia amargura misturada à frustração, tudo azedado com extrato de gengibre jamaicano, 85% de álcool. Robert meneou com a cabeça.

- Você nunca entendeu Simon, quer que eu conte novamente a história? Quer que eu clame por misericórdia? Não preciso de seus conselhos.
- Apenas me diga o motivo Robert...
- Porque quer saber? Que adiantaria?
- Quero saber ao menos que teve uma escolha.
- Eu nunca tive uma escolha Simon.

Embora Johnson certamente não tenha inventado o *blues*, que já vinha sendo gravado quinze anos antes dele aprender a formular as primeiras pentatônicas, seu trabalho modificou o estilo de execução, empregando mais técnica, *riffs* elaborados e maior ênfase no uso das cordas graves para criar um ritmo regular. Quando cheguei a Chicago, todos comentavam sobre o negro virtuoso que fizera um pacto com o demônio para obter fama com o *blues*, todavia poucos conhecem a verdadeira história.

Lembro-me de Johnson praguejando alguma blue song num corredor insípido de um hotel vagabundo no lado oeste do Mississipi. Bêbado e cambaleante, cantava alguma coisa como:

*“... hoje de manhã cedo quando você bateu na minha porta; Eu disse
‘Olá, Demônio, acho que é hora de ir.’*

Reclinado sobre a soleira com os braços cruzados perguntei-lhe o que significava aquela letra. “Você já conversou com o demônio meu amigo?” indagou-me em tom zombeteiro. “Prefiro evitá-los Robert”, respondi. Naquele momento Johnson me contou o que ocorreu na lendária noite de 35.

Era quase meia noite, Robert partira para Clarksdale numa encruzilhada da rodovia 61 com a 49 levando consigo uísque adulterado e sua Dobro 1927 californiana com velhas cordas oxidadas a ponto de rasgar os dedos. A fumaça de seu Lucky Strike Bull's Eyes cortava o espaço nebuloso quando um bend escandaloso fora cuspidado de uma velha gaita cromada. Era Thomaz.

Robert continuara a história assegurando que quando desejou seguir Son House por Robunsonville, este o esnobou certa vez num café ao lado de Willie Brown, “Aquilo nunca foi nem será blues, ele veio me procurar, disse que me seguiria onde eu fosse. Coitado, o garoto não tem talento Wil.” E partiu para seu encontro.

O final da história vocês já devem ter ouvido falar. Thomaz toma o violão empenado de Johnson e o afina um tom abaixo, a tensão das cordas se foi e o que se ouviu depois foi um Mi Maior afrouxado, seguido de uma pegada densa, arrastando um riff pesaroso, caindo para um Lá Maior, tenso, mas singelo; o contraste da chegada na quinta da harmonia foi um repouso melódico para depois voltar com mais vivacidade na nota principal. Nada de solos impertinentes, obviedade na execução. Tocava como um demônio! Quando Robert pegou seu violão, executou na mesma precisão a lição ouvida. O resto é lenda. Contam que quando voltou a Robunsonville encontrou com Son House e Willie Brown que ficaram assombrados com o desenvolvimento técnico e musical de Johnson em tão pouco tempo. Daí o famoso mistério, Johnson, em uma encruzilhada, teria vendido sua alma

para o diabo, em troca de virtuosismo. Dos poucos que conheci que viram Johnson tocar nas noites quentes do Delta, diziam que seu violão nunca desafinava e que escrevera 29 canções em sete dias.

- Você quer saber se a história é verdadeira Simon?
- Eu sei que é Robert, só não sei ainda qual foi o preço.

13 de Agosto de 1938, Greenwood, Mississipi

Após a apresentação no Three Forks em Greenwood, Robert passa mal com dores fortes no estômago, eu o levo para minha casa, ali ele me assegura que teria sido envenenado por um marido ciumento de uma amante do passado.

- Qual o nome dela Robert?
- Do que adianta agora meu bom amigo, eu vou morrer de qualquer forma, ela é apenas um fantasma. — ele agoniza num velho sofá cinzento.
- Lembra daquela história que lhe contei anos atrás Simon?
- Sim, onde o velho Thomaz lhe ensinou a tocar *blues*.
- Você sempre quis saber o motivo não foi?
- Acho que já sei Robert.
- Thomaz lhe contou?

— Não, você contou para todos em “Love In vain, amigo”...

“Eu a segui até a estação com uma maleta em minha mão, E eu segui-a à estação com uma maleta em minha mão, Bem, é duro dizer, é duro dizer quando todo seu amor é em vão, Todo meu amor em vão. Quando o trem rolou até a estação eu olhei-a no olho, Quando o trem rolou até a estação eu olhei-a no olho. Bem, eu era solitário, me senti assim solitário e eu não poderia ajudar mas gritei todo meu amor em vão”. Quando o trem saiu da estação com duas luzes atrás de mim. A luz azul era meu Blues e a luz vermelha era minha mente, Todo meu amor em vão! Oh Willie Mae! Oh Willie Mae! Todo meu amor em vão!

Pouco antes de morrer em 16 de agosto de 1938, Robert Johnson me contara que aprendera a tocar *blues* sozinho quando regressou à sua cidade natal, Hazelhurst, em 1931, ano que fora desprezado por Son House. Contou-me que aprendera sua técnica tocando com músicos de rua nas tardes melancólicas do Mississipi.

— E o que pediste a Thomaz, Robert?! — indaguei-o pela última vez.

naquela noite abafada onde os corações adormecem devagar. Muitos acreditam ser verdade o mito em que Johnson vendera a alma para o diabo em troca de sua técnica ímpar, porém poucos sabem ao certo o real motivo que o levou a procurar Thomaz naquela encruzilhada sinistra. Acredito que não fora em troca de virtuosismo o pacto de Robert Johnson com o diabo, ele não me revelou, mas pude ler em seus olhos... — Willie Mae, Willie Mae.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br